

AS REDEFINIÇÕES TÉCNICO-PRODUTIVAS E ORGANIZACIONAIS DO CAPITAL AGROINDUSTRIAL CANAVIEIRO NO BRASIL*

Ana Maria Soares de Oliveira - FCT/Unesp/Presidente Prudente**
anaoliveirams@ig.com.br

Antonio Thomaz Júnior* - FCT/Unesp/Presidente Prudente**
thomazjr@usc.es

INTRODUÇÃO

Temos como objetivo, neste texto, efetuar alguns apontamentos acerca das redefinições técnico-produtivas e organizacionais porque passa a agroindústria canavieira no Brasil. Ressaltamos que o eixo principal de nossa reflexão é a relação capital x trabalho, levando-se em consideração as diferentes escalas de mediações (sociais, políticas, econômicas, etc), posto que o trabalho exerce papel fundamental na redefinição do processo social e na construção e reconstrução do espaço geográfico. A fundamentação teórico-metodológica que a compreensão das questões as quais nos propusemos discutir exige, pautar-se-á na realização de pesquisa bibliográfica e documental, na coleta de informações secundárias, elaboração de bancos de dados, entrevistas e produção cartográfica, etc.

AS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS E ORGANIZACIONAIS E OS DESAFIOS PARA O TRABALHO

O processo de reestruturação produtiva do capital agroindustrial canavieiro, expresso através da incorporação de tecnologias e equipamentos no processo de produção, bem como da adoção de novas formas de gestão e controle do processo de produção e de trabalho, tem elevado, por um lado, os níveis de produção e de eficiência agroindustrial. Por

* Este texto é resultante de leituras e reflexões efetuadas durante a pesquisa de doutorado, ora em desenvolvimento.

** Professora de Geografia da rede pública de ensino do estado de São Paulo; Mestre e doutoranda em Geografia junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia/FCT/Unesp/Presidente Prudente, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Thomaz Júnior; Membro do “Centro de Estudos de Geografia do Trabalho” (CEGeT). Telefone: (18) 222-0547.

*** Professor dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação em Geografia/FCT/UNESP/Presidente Prudente; Pesquisador CNPq/PQ/2B; pesquisador visitante e bolsista em nível de pós-doutorado (CNPq) junto à Faculdade de Geografia e História, da Universidade de Santiago de Compostela (Espanha), e ao (IDEGA) Instituto Universitário de Estudos e Desenvolvimento de Galícia (2004 -); coordenador do “Centro de Estudos de Geografia do Trabalho”(CEGeT); editor da Revista Pegada (versões impressa e eletrônica); autor do livro “Por Trás dos Canaviais os Nós da Cana”, São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002; coordenador do Projeto Editorial Centelha; organizador dos livros “Gênero e Classe nos Sindicatos”, e “Geografia e Trabalho no Século XXI” -Volume I, 2004.

outro lado, tem intensificado a precarização do trabalho, que se manifesta através da diminuição da oferta de empregos no campo, da redefinição das funções laborativas, do aumento da superexploração da força de trabalho, frente ao crescente processo de terceirização da mão-de-obra e descumprimento das leis trabalhistas, bem como do enfraquecimento do movimento sindical e da captura da subjetividade operária.

Mesmo diante do quadro impactante nos níveis de emprego, verifica-se o setor canavieiro anunciando a geração de novos empregos rurais para a safra atual. Verifica-se ainda, nesse contexto, uma expressiva centralização de capitais, por meio de fusões e/ou aquisições de novas empresas. Isso é resultante do fortalecimento de vários grupos ou empresas agroindustriais canavieiras no Brasil, que vêm expandindo essa atividade em estados como Mato Grosso, Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro, entre outros¹.

Soma-se a isso, a crescente mobilidade territorial do capital agroindustrial de antigas regiões produtoras para áreas mais propícias à mecanização. Isso parece ser reflexo da expansão do mercado interno do álcool, desencadeado pelo aumento do consumo de carros a álcool (modelos flexíveis), bem como do mercado externo, potencializada pela perspectiva de conquista de mercados nos Estados Unidos e na Ásia, especialmente na China e no Japão. Tendo em vista o fortalecimento do discurso que tanto tem engrandecido o agronegócio no Brasil, se faz necessário uma análise mais acurada acerca dessas questões, pois, ao apresentar o agronegócio como a chave para o desenvolvimento do país, para a resolução do problema da produção de alimentos e da falta de empregos mascara-se a realidade social e econômica, expressa diferencialmente, de modo particular no campo brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) mundo do trabalho: Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo.** São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho.** 4ª edição. São Paul: Boitempo, 2001.

EID, F. & NEVES, Márcia R. **Organização do trabalho, tecnologia e programa de qualidade total na indústria sucroalcooleira paulista.** (mimeog.) São Carlos: UFSCar, 1998.

JORNALCANA. **Minas quer crescer 92% em 4 anos.** Ed. Março 2004.

OLIVEIRA, Ana M. S. **A relação capital-trabalho na agroindústria sucroalcooleira paulista e a intensificação do corte mecanizado: gestão do trabalho e certificação ambiental.** (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente, 2003.

¹ Metade dos investimentos, concentrados no Triângulo Mineiro, por exemplo, é dos grupos alagoanos Carlos Lyra, João Lyra e Tércio Wanderley. JORNALCANA, Março de 2004.

THOMAZ JÚNIOR, A. Por uma Geografia do Trabalho. **Revista Pegada**, v. 3, Número Especial, 2002.